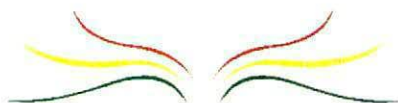




Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ENTREVISTA PARA A AGÊNCIA NOVA CHINA

1. Atualmente, está dia a dia mais alta a voz dos países do Terceiro Mundo na luta pela independência e autodeterminação e pelo estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional.
 - Qual é a avaliação de Vossa Excelência a respeito?
 - Como é que se estabelece uma nova ordem econômica internacional, na opinião de Vossa Excelência, como Chefe do Governo de um país do Terceiro Mundo?

Resposta:

O sistema econômico internacional, tal como concebido no imediato pós-guerra, exhibe crescentes sinais de perda de eficácia. A economia internacional não mais consegue encontrar, em escala global, soluções viáveis para problemas como a perda de dinamismo do comércio internacional, a tendência à combinação de inflação e estagnação, as ondas protecionistas nos países desenvolvidos, a persistência de elevadas taxas de juros e o elevado endividamento externo dos países do Terceiro Mundo.

Não apenas o quadro institucional e os mecanismos que emergiram dos acordos de Bretton Woods dão provas de suas in-

suficiências. As teorias econômicas, como o keynesianismo e o monetarismo, revelam-se insuficientes para a compreensão e a superação dos problemas econômicos internacionais.

Essas circunstâncias tornam necessária e urgente a negociação de uma nova ordem econômica internacional que introduza transformações na estrutura e no funcionamento do sistema econômico internacional, e promova maior igualdade e equilíbrio entre países desenvolvidos e nações em desenvolvimento.

Um conjunto diversificado de medidas se faz necessário: no campo do comércio, iniciativas destinadas à liberalização das correntes de intercâmbio, que levem em consideração as características dos países do Terceiro Mundo; no plano do financiamento internacional, deveriam merecer prioridade os esquemas capazes de aumentar a disponibilidade de recursos para os países em desenvolvimento nas instituições financeiras internacionais, tais como o Banco Mundial; no âmbito das medidas de ajustamento aplicadas nos países em desenvolvimento para fazer face ao problema do endividamento externo, um conjunto de políticas mais flexíveis e equilibradas deveria ser implementado, de forma a tornar viável a superação gradual do problema da dívida num prazo mais amplo e em condições mais suportáveis para os países do Terceiro Mundo; no campo energético, maior ênfase deveria ser dada ao aproveitamento das fontes energéticas alternativas, de forma a reduzir a dependência de muitos países com relação à importação de energia.

Essas propostas não são novas. Há muitos anos, o Brasil e um expressivo conjunto de países em desenvolvimento, no âmbito do chamado Grupo dos 77, vêm lutando pelas mesmas. Em grande medida, esses esforços de negociação de uma nova ordem econômica internacional têm sido barrados pela incompreensão do mundo desenvolvido. A necessidade de mudanças no sistema econômico internacional não deriva de postulados ideológicos, mas dos impasses impostos pela própria crise econômica.

2. Qual é a opinião de Vossa Excelência sobre a atual situação internacional?

- Como é que podem acabar com a guerra, alcançar o verdadeiro desarmamento e defender a paz mundial, na opinião de Vossa Excelência?

Resposta:

A conjuntura internacional é de crise. As situações de conflito e tensão se agravam e os instrumentos diplomáticos de aproximação de negociação entre Estados são, em regra, desprestigiados. No plano Leste/Oeste, as atitudes e as propostas de des-tensão parecem longínquas, coisa do passado; vemos a exacerbação da retórica de confrontação e uma corrida armamentista sem precedentes. A confrontação possui efeitos igualmente nefastos, que afetam a vida dos países do Terceiro Mundo. Assinalaria dois: os processos de transferência de tensão Leste/Oeste para cenários regionais, agravando situações de crise entre países em desenvolvimento, e, em segundo lugar, o encurtamento da agenda diplomática que fica concentrada nos temas da sobrevivência, relegando a segundo plano a cooperação internacional para o desenvolvimento e o trabalho de articulação de paz duradoura, baseada em regras estáveis e que não dependa de arsenais nucleares.

O cenário é sombrio mas não nos deve desanimar. Ao contrário. Os países do Terceiro Mundo têm o dever de lutar pela paz. Sua contribuição pode ser decisiva, justamente porque as formas de relacionamento internacional que preconizam não estão fundadas em esquemas de poder. Lutam contra as manifestações de hegemonia e de política de poder. Intensificando a cooperação entre países em desenvolvimento, em todas as suas formas, inclusive com vistas ao fortalecimento da posição diplomática do Terceiro Mundo; atuando com firmeza nos foros em que se discute o desarmamento; mantendo fidelidade a uma atitude que privilegie a cooperação, o Terceiro Mundo pode dar cooperação real para a construção da paz no Mundo.

3. O que é a fonte da agitação da atual situação centro-americana?

O Governo brasileiro sempre apóia a justa posição tomada pelo Grupo de Contadora no sentido da busca de uma solução pacífica dos conflitos centro-americanos.

— Como é que se pode liquidar e evitar os conflitos naquela região, na opinião de Vossa Excelência?

Resposta:

A situação de crise que vive hoje a América Central tem raízes históricas. Suas causas são de natureza estrutural e estão ligadas à fragilidade das bases econômicas dos países da área e à precariedade institucional. A crise não é propriamente inédita na história regional. Nos últimos anos, porém, pelas dificuldades originadas na recessão internacional, pelo desgaste das soluções políticas locais, pelo agravamento de tensões globais e regionais, a crise se aprofunda e ganha contornos dramáticos. Surgem influências exógenas, o que contribui para que o processo centro-americano venha a ser, de maneira simplista, reduzido a um episódio da confrontação Leste/Oeste. É árduo o tratamento diplomático das questões centro-americanas.

O Brasil tem dado consistente apoio ao Grupo de Contadora, por considerar que sua ação representa a mais séria iniciativa no sentido de criar condições para uma paz duradoura no istmo centro-americano. Várias razões nos levam a apoiar o Grupo. Em primeiro lugar, sua composição. O grupo, que reúne a Colômbia, a Venezuela, o Panamá e o México, compõe-se de países com tradicional presença na área, que mantêm diálogo franco e construtivo com todas as partes envolvidas no conflito. Este é um fator que assegura o equilíbrio e a legitimidade da ação do Grupo. De outro lado, o Grupo conduz seus trabalhos de mediação em obediência estrita aos princípios de não-intervenção e autodeterminação e atua dentro de um marco exclusivamente diplomático.

O esforço para aproximar as partes em conflito, a oposição às formas de interferência externa, e a criação de mecanismos reais de cooperação econômica são os elementos fundamentais para o encaminhamento da questão centro-americana. Coerente com suas posições, o Brasil, além de apoiar o processo de Conta-

dora, mantém, nos níveis compatíveis com sua capacidade, programas de cooperação econômica e técnica com os países da área, e participa do Comitê para o Desenvolvimento Econômico e Social da América Central (CADESCA), cujo objetivo é estabelecer programas de cooperação, de acordo com as necessidades de cada país, sem conotação política e ideológica.

4. Existem boas relações remotas entre a China e o Brasil. Em especial, desde o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1974, vem aumentando, dia a dia, a visita mútua dos dirigentes dos dois países e o intercâmbio pessoal nas outras áreas entre a China e o Brasil, estreitando-se mais as relações de cooperação entre os dois países nas áreas de comércio, economia, ciência e tecnologia, cultura, etc... Qual a opinião de Vossa Excelência a respeito?

— E como ampliam e fortalecem mais as relações de cooperação entre a China e o Brasil, na opinião de Vossa Excelência?

Resposta:

As relações entre o Brasil e a China, desde o estabelecimento das relações diplomáticas, se desenvolvem de forma gradual e harmônica. Apesar da distância geográfica e da diferença de sistema sócio-econômico, a China e o Brasil apresentam várias características comuns, como a grande extensão territorial, a abundância de recursos naturais e o esforço nacional pela modernização e pelo desenvolvimento.

Minha visita a Pequim e o honroso convite que me foi formulado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República Popular da China demonstram de forma cabal que ambos os governos avaliam positivamente o relacionamento entre os dois países e crêem firmemente nas perspectivas de aprofundamento dessas relações.

Em matéria de comércio, contamos já com um intercâmbio nos dois sentidos de perto de US\$ 800 milhões. Tenho a certeza de que, em 84, esse intercâmbio atingirá a marca de US\$ 1 bilhão. A China vem crescendo em importância como nosso fornecedor de petróleo, item de relevância em nossa pauta de importações.

O *deficit* em nossa balança comercial com a República Popular da China, motivado pelas crescentes importações de petróleo, nos anima a empreender um esforço de exportação para aquele mercado, no que temos contado com a compreensão das autoridades chinesas. Já estamos explorando petróleo em território chinês, vendendo quantidades significativas de produtos siderúrgicos, produtos químicos, derivados de petróleo e alimentos. Pretendemos ampliar essas vendas, emprestar nosso apoio ao programa de modernização chinês, ao mesmo tempo em que estimulamos nosso próprio desenvolvimento, através do aumento de nossas exportações.

No tocante à cooperação científica e tecnológica, a recente entrada em vigor do Acordo de Cooperação, assinado em 1982, estimulará contatos sistemáticos em áreas de interesse recíproco, como a agricultura, a pecuária e piscicultura, a saúde e o saneamento, que de tanta relevância são para o bem-estar de nossos povos; a padronização e a normalização, fundamentais para o desenvolvimento industrial, a hidreletricidade, a siderurgia, a pesquisa espacial, a microeletrônica, a informática, onde os esforços comuns nos levarão à concretização das aspirações de desenvolvimento que inspiram os dois governos.